

O HUMOR, AS PALAVRAS E AS COISAS

Sírio POSSENTI³³

Resumo: Uma das crenças mais comuns é que as palavras tenham relação direta com as coisas, o que, de fato, qualquer texto desmente. Mesmo assim, surgem diversos procedimentos que se destinariam a afastar a linguagem das coisas, especialmente quando são negativas. Esta concepção está na raiz de certos procedimentos que geram efeitos de humor, por razões não necessariamente idênticas. Este texto examina alguns desses casos, especialmente os chamados tucanês e antitucanês.

Palavras-chave: *humor, eufemismo, tucanês, Zé Simão*

Abstract: *One of the most common beliefs is that words have a direct relationship with things, which, in fact, belies any text. Still, there are several procedures that would intend to keep the language away from things, especially when they are negative. This concept lies at the root of certain procedures that create effects of humor, for reasons not necessarily identical. This paper examines some of these cases, particularly the so-called tucanês and antitucanês.*

Keywords: *humor, euphemism, tucanês, Zé Simão*

Há um traço discursivo marcante de nosso tempo que merece investigação mais detalhada. Diria que se trata de um processo de eufemização. Suponho que esteja relacionado de alguma forma ao ambiente cultural relativista, que desconfia de qualquer realismo, seja epistemológico (quem pode garantir a mais mísera verdade sobre o mundo, se é que ele existe?), seja ético (quem sabe o que é certo ou errado?). O exagero dessa posição consiste em sustentar que a própria realidade não existe. Tudo seria efeito de discurso. Gente bastante sem compromisso ri à socapa, em bares e em salas de aula, ou em artigos eruditos, das posições antiquadas dos realistas. É que, em geral, esses

³³ Bolsista do CNPq, professor livre-docente (associado) no departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

“modernos” são também apolíticos, o que sempre significa que sempre fazem a política conservadora dominante. Seu inimigo nunca está à direita...

O fenômeno tem várias facetas: das que se tornaram mais ou menos sólidas, a mais antiga, talvez, seja a luta (ou a moda da) pela linguagem politicamente correta. Não se pode mais falar de coisas e de pessoas usando os termos tradicionais. Em seu lugar, entram os substitutos “limpos”: em vez de *negro*, *afro-descendente*; em vez de *prostituta* (ou de uma palavra ainda mais crua), *prestadora de serviços sexuais*; *velhos* não são mais velhos, mas pertencentes ao grupo da *terceira idade*, quando não da *melhor idade*; pessoas afetadas por certas doenças engrossaram a lista: não há mais *aidéticos*, somente *soropositivos*; também não há mais *surdos*, mas *portadores de deficiência auditiva*; não há mais *impotência*, mas *disfunção erétil*; nem *presos*, só *apenados*; e os meninos presos na FEBEM são *jovens em conflito com a lei*.

Os espaços em que este procedimento pode ser surpreendido são bem variados. Há algum tempo, Sérgio Rodrigues chamou atenção para aspectos do fenômeno em um artigo originalmente publicado em um site e posteriormente incluído em *What língua is esta?* (RODRIGUES, 2005, p. 151 e ss.). Dizia ele:

Todo brasileiro deve conhecer alguém que, em crise de *empregabilidade* agravada pelo *crescimento negativo do PIB*, foi forçado a fazer um *contingenciamento de despesas* para não mergulhar na *miserabilidade*. Existem até os que, temendo engrossar as fileiras da população de rua, conformam-se em engavetar seus diplomas e trabalhar como *hair stylists* ou *make-up artists*, por exemplo. A essa conjuntura econômica desfavorável some-se o preconceito, que torna a situação ainda mais difícil para todas as minorias, dos *afro-brasileiros* aos *portadores de necessidades especiais* (as ênfases são minhas).

Em um mesmo final de semana (02.03.06), a revista *Época* (na coluna de Max Gehringer) e o jornal *O Estado de S. Paulo* publicaram matérias “criticando” esse tipo de linguagem. Gehringer explicava a um leitor que, em certas empresas, empregam-se muitas expressões que, na verdade, “não significam nada” (vivenciar parâmetros holísticos, fatores inerciais de natureza nãotécnica, fazer um *brainstorming*, extrapolar os dados) para produzir efeitos de competência e de modernidade. A matéria do *Estadão* atribuía ao PT a prática de não dar nome aos bois, inventando derivativos verbais: “recursos não contabilizados” por “caixa-dois”, “desvios” por “erros” ou “ilegalidades”, “afastamento voluntário” por “demissão”. De cambulhada (e também por despreparo,

isto é, não só por ideologia.), o jornal pôs na lista a palavra “ocupação”, que não é um caso do mesmo tipo, porque há uma óbvia divisão entre quem usa essa palavra e quem prefere “invasão”, e ela tem pouco a ver com o PT.

Um exemplo bastante interessante do fenômeno são os anúncios de acompanhantes ou de massagistas. Trata-se, como todos sabem, da mais antiga das profissões (eufemismo que é tão velho quanto a profissão), ou melhor, de sua faceta moderna. O fato de haver anúncios em jornais (ou em sites), acompanhados de fotos ou de descrições do corpo ou de partes do corpo, não deixa de ser um poderoso indício de que o estatuto da prostituição foi profundamente alterado: não só acabou o confinamento nas zonas de prostituição, como também mudou o perfil das mulheres que a praticam, como o atestam numerosas reportagens. O fato de que se chamem acompanhantes ou massagistas não é, pois, um fenômeno apenas linguístico, que mostraria que somos hipócritas. De certo modo, pode-se dizer que fazer sexo por dinheiro não é mais prostituição, se o encontro for marcado por telefone ou por e-mail, se ocorrer em um motel ou em apartamento *privê*, ao invés de a escolha ser feita em um bordel e o encontro ocorrer no mesmo local.

Esses são apenas alguns dados preliminares. Seria interessante acrescentar outros, e, principalmente, encontrar um nó que amarre estas coisas aparentemente diversas. Por exemplo, esse linguajar atribuído ao PT, de fato, não é – ou não era – característico desse partido, e sim dos tucanos, ou, melhor ainda, de um posicionamento ao qual eles se teriam filiado. Talvez a melhor prova disso sejam os exemplos de tucanês (o fato de que não sejam tratados pela “voz do povo” como exemplos de petês é de alguma forma relevante, pelo menos quando se trata de humor) que circulam na Internet, embora sejam textos de humor, sem contar que foi com esse partido que entrou em nosso vocabulário uma palavra como “empregabilidade”, que é certamente um dos fenômenos discursivos mais relevantes e cruéis de nosso tempo. Não que ele seja especificamente tucano. Na verdade, é “global”, associado às políticas ditas neoliberais (que também produziu a moderna acepção de “excluído”) e a fenômenos diversos relativos à mão de obra (internacionalizada, “produtiva” etc.). O fenômeno especificamente tucano foi a adesão explícita a esta posição, já que foi o PSDB que deu uma força considerável, quando no poder com FHC.

Outro argumento em favor da tese de que isso não é *petês*, embora o linguajar tenha sido adotado pelo PT, são os exemplos de antitucanês publicados por José Simão, em sua campanha “morte ao tucanês”, que se caracterizam exatamente pela ideologia oposta: chamar as coisas por seus “verdadeiros” nomes, sem disfarce, sem eufemismo. Por exemplo: chamar a uma churrascaria de *Joana D’Arc*; a um motel de *Recanto da Chibata*; a uma boate de *Balança Teta* etc. O comentário do humorista é sempre “mais direto impossível”, o que mostraria que ele sabe – todos saberiam - que o tucanês nunca é “direto”.

Aliás, os que acham que o PT e o PSDB têm o mesmo projeto político poderiam encontrar nesse novo “discurso” petista a confirmação inconsciente dessa identidade. A ideologia básica de ambos consistiria em não querer ver a realidade, ou em falar dela de uma forma que pareça menos grave, mais intelectualizada, o que, de fato, quer dizer disfarçada, medrosa. Pelo menos em certos domínios.

Disse acima que o fenômeno pode ser genericamente caracterizado como eufemização. O eufemismo é uma “figura” clássica, o que significa que o fenômeno de que aqui se trata não é novo. De fato, especialmente para evitar termos tabus, sempre se enunciaram palavras atenuadoras. Em vez de *morrer*, os parentes *falecem*, ou *faltam*. Até mesmo blasfêmias são atenuadas (*porco zio*, dizem uns italianos, para não dizerem *Dio*); e os nomes dos demônios são levemente alterados (*diacho*, *dianho*, por *diabo*). Ao lado do eufemismo, os jargões, especialmente os dos especialistas, dos intelectuais, ganharam destaque. Para os médicos, as pessoas não só não morrem. Elas sequer falecem. Nem faltam. Elas *vão a óbito*.

O jargão é objeto de humor (se tudo é, por que não o jargão?). O que produz riso é basicamente seu exagero, como em outros numerosos casos. Vejamos alguns.

Excelente exemplo de humor fundado no exagero do jargão é o livro de Carlos Queiroz Telles, *Manual do cara-de-pau ou é fácil falar difícil*, que “ensina” os interessados a utilizar o jargão de um conjunto de áreas ou disciplinas (economês, pesquisalês, publicitês, filosofês, quimiquês, fisiquês etc.). O livro fornece um conjunto de termos técnicos e ensina a combiná-los ou mesmo a empregá-los mais ou menos livremente, produzindo resultados como “Sob o pretexto de realizar uma PERFORMANCE FACTUAL IMAGÉTICA, o artista se perde em NUANCES

PLANIMÉTRICAS que não permitem sequer uma EMPATIA FACTUAL com sua obra” (p. 39) ou “Se não preservarmos já o MEIO ECO-RENOVÁVEL brasileiro, estarão condenados os GRUPOS AUTO-PRESERVÁVEIS e esse será o fim do CICLO ORGANOALTERNATIVO!” (p.59).

Forma ainda mais sofisticada de humor que se funda nesse distanciamento “para cima” da linguagem cotidiana é a “tradução” de provérbios em linguagem culta, ou em sua caricatura. Millôr Fernandes, por exemplo, propõe *Quando o sol está abaixo do horizonte, a totalidade dos animais domésticos da família dos felídeos são (sic) de cor mescla entre o branco e o preto* para “De noite, todos os gatos são pardos”; *Aquele que se deixa prender sentimentalmente por criatura destituída de dotes físicos de encanto ou graça, acha-a dotada desses mesmos atributos que outros não lhe veem* para “Quem ama o feio, bonito lhe parece”; *Aquele que enuncia por palavras tudo que satisfaz ao seu ego, tende a perceber por seus órgãos de audição coisas que não desejaria* para “Quem diz o que quer ouve o que não quer”.

Uma análise mínima mostra as correspondências lexicais dos dois registros: por exemplo, “gatos” corresponde a “animais domésticos da família dos felídeos”, “amar” corresponde a “deixar-se prender sentimentalmente”, “ouve” a “percebe por seus órgãos de audição” etc. Certamente, o efeito de humor deriva da sacada, da construção surpreendente de tais correspondências (e de sua descoberta pelo leitor/ ouvinte, claro).

Finalmente, considerem-se, os dados abaixo, prováveis exageros de uma suposta linguagem empresarial (como a criticada por Max Gehringer), e que lembram o dito tucanês.

Dê um plus no seu currículo

Você acha que não te contratam em uma grande empresa porque seu currículo é muito fraquinho? É muito simples. Basta fazer algumas substituições no nome da profissão!

Que tal ser um supervisor, consultor, ou especialista? A seguir, algumas dicas para você dar um plus no seu currículo, apenas falando de seus empregos anteriores:

Especialista em Marketing Impresso (**boy do xerox**)

Supervisor Geral de Bem-Estar, Higiene e Saúde (**faxineiro**)

Oficial Coordenador de Movimentação Noturna (**vigia**)

Distribuidor de Recursos Humanos (**motorista de ônibus**)

Distribuidor de Recursos Humanos VIP (**motorista de táxi**)
 Distribuidor Interno de Recursos Humanos (**Ascensorista**)
 Diretora de Fluxos e Saneamento de Áreas (**a tia que limpa o banheiro**)
 Auxiliar de Serviços de Engenharia Civil (**peão de obra**)
 Especialista em Logística de Documentos (**office-boy**)
 Especialista Avançado em Logística de Documentos (**moto-boy**)
 Consultor de Assuntos Gerais e Não Específicos (**vidente**)
 Coordenador de Fluxo de Artigos Esportivos (**gandula**)
 Distribuidor de Produtos Alternativos de Alta Rotatividade (**camelô**)
 Técnico Saneador de Vias Publicas (**gari**)
 Supervisor de Serviços de Entretenimento Masculino (**cafetão**)
 Técnico em Redistribuição de Renda (**ladrão**).

O que seria a linguagem “neutra” da qual estes exemplos se distanciam? É praticamente impossível defini-la. O que é claro é que os critérios para caracterizá-la são sociais. Trata-se de uma espécie de grau zero da língua, no sentido de que as palavras ou construções não soam para uma comunidade de fala como se fossem marcadas, como se fossem de alguns, de um subgrupo ou características de certas circunstâncias, como os jargões, por um lado, e os palavrões, por outro.

O tucanês não se caracteriza apenas por ser um jargão, embora o limite entre um e outro não seja tão claro. O jargão funciona como índice de pertencimento a um grupo socialmente valorizado, a uma profissão não baixa (dessas que Boris Casoy qualificaria de posições baixas na escala de trabalho). Pode implicar um efeito de realidade, e mesmo de cientificidade. Já o tucanês se caracteriza por evitar o confronto direto com a realidade, embora, às vezes, seja também um jargão (p. ex., empregabilidade).

Circulam, especialmente na Internet, listas de exemplos do que seria o tucanês (*interceptação telefônica sob autorização judicial* = grampo), uma “língua” cuja característica fundamental seria a de fazer o possível para evitar a “realidade”, falando por circunlóquios e por descrições “neutras”. Em certa medida, aproxima-se da linguagem politicamente correta, que também se caracteriza pelo uso de expressões perifrásticas para substituir palavras “tradicionais”, de conotação negativa. Exagerando

esta característica da linguagem politicamente correta, produzem-se efeitos de humor.

Alguns exemplos:

interceptação telefônica sob autorização judicial = grampo
não assumir compromisso com as notas da melodia = desafinar
operador do sistema vaga-legal = flanelinha
obtenção de recursos financeiros mediante previsão futebolística = bolão
pessoa movida pela ideologia da propina = corrupto
translado musical ilícito em mídia eletrônica = CD pirata

Observe-se a curiosa disposição do material: a “entrada” não é constituída pela palavra, que depois seria definida por uma expressão do tucanês, como é típico dos dicionários. Aqui, a entrada é a própria expressão, que é análoga a uma definição, e seu correspondente lexical, que nos dicionários é a entrada, é fornecido apenas ao final do “verbete”. Essa disposição obedece a uma regra do discurso humorístico: é ela que permite a produção do efeito de surpresa.

Comparem-se esses dados com a definição de “cão” fornecida pelo dicionário Houaiss: *mamífero carnívoro da família dos canídeos*. Se escrevermos “*mamífero carnívoro da família dos canídeos* = cão”, não estamos longe de um verbete tucanês... O que significa que a verdadeira questão não está apenas no texto, mas em sua relação com, o “gênero” conhecido, que se subverte, na sua produção em série, como se se tratasse de um léxico especializado.

Durante muito tempo, estudiosos de linguagem deram destaque a certos campos semânticos nos quais vicejavam os tabus - palavras ligadas a partes ou ações do corpo humano (especialmente as ligadas à reprodução ou à excreção), a deuses e demônios, a doenças e à morte. Para muitos povos, ou para grupos de pessoas, dizer o nome “real” de alguma dessas entidades é imoral ou é perigoso. Daí, por exemplo, dizermos “diacho” para evitar “diabo”, “falecer” ou “faltar” no lugar de “morrer” etc.

O fenômeno de que estou tratando não consiste propriamente em evitar termos tabus. Parece consistir mais simplesmente em evitar a “realidade”, segundo determinadas concepções de realidade, é claro. Por isso seria um movimento mais amplo. Daí o enorme incremento dos eufemismos ou das expressões consideradas mais “limpas” ou neutras ou “altas”. Por um lado, isso parece mais fino, mais civilizado (uma reivindicação constante de certos tucanos, diga-se). Por outro, trata-se de não encarar o mundo “como ele é”. Sirva de exemplo o seguinte trecho de uma reportagem: “As mais

recentes investigações... sugerem que Chirac manifestou interesse pessoal inequívoco por *uma investigação sigilosa e não ortodoxa sobre alegadas transações financeiras de Sarkozy em 2004*” (*Folha de S. Paulo*, 14/05/2006, de John Lichfield, do *Independent*). “Investigação sigilosa e não ortodoxa” é um caso óbvio de eufemização de “investigação ilegal”. Um termo que parece bom evitar, em certos círculos. Seu efeito específico pode ser claramente percebido se considerarmos uma notícia com este redação e uma similar publicada em um jornal popular (ver, por exemplo, Preti, 1984, e especialmente Ferreira Dias, 1996).

Zé Simão tem publicado quase diariamente casos reais de antitucanês (muito frequentemente são nomes de bares, boates, churrascarias etc.), uma “língua” que teria a característica exatamente oposta à do tucanês: falaria diretamente das coisas “como elas são”, sem disfarce. Na verdade, ressaltando seu aspecto mais “grosseiro”. Daí ser antitucanês. Ambos os casos remetem a certa representação do ethos básico dos políticos conhecidos como tucanos. Eles evitariam tomar partido (estariam sempre em cima do muro), mas, especialmente, evitariam referir-se a aspectos negativos da “realidade”, notadamente quando se trata de questões econômicas e sociais. O exemplo mais típico de tucanês real, não humorístico, talvez seja “empregabilidade”, em expressões como “problema de empregabilidade”, que substituiria o termo realista “desemprego”.

José Simão mantém, como se sabe, uma coluna humorística no jornal *Folha de S. Paulo*, mais precisamente, no caderno *Ilustrada*, antes das tiras (também humorísticas, e em mais de um sentido). Como os leitores sabem, uma das características dessa coluna é ser dividida em sessões mais ou menos fixas, nas quais ele insere a cada dia uma novidade, o que significa que, efetivamente, grande parte do texto se repete.

O trecho que aqui interessa também é praticamente fixo. Por exemplo, no dia 08/02/2007, o trecho diz: “*Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com minha heróica e mesopotâmica (mesopotâmica e vulcânica) campanha “Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em Uruçuí, no Piauí, tem uma boate chamada Mercado da Piriçuita Usada! (Parece Dias Gomes). Mais*

direto impossível! Viva o antitucanês. Viva o Brasil!”. A novidade é o texto em negrito, substituído diariamente. Outros exemplos:

É que em Vinhedo **tem uma casa de garotas chamada A Casa das Máquinas** (FSP 25/01/2007)

É que na Itália **tem uma placa de uma cidade Caraglio** (2/7/07)

É que na Nova Zelândia **tem uma placa indicando uma cidade de Te Uku** (30/5/07)

É que no Rio Grande do Norte **tem um município chamado Jardim das Piranhas** (25/5/07)

É que em Poções, na Bahia, **tem um açougue chamado Casa de Carnes Renan Vaca Gorda** (30/6/07)

É que em Pão de Açúcar, Alagoas, **tem uma praça de aposentados apelidada de Pinto Morto** (29/5/07)

É que em Chácara, Minas, **tem uma marca de manteiga chamada Vim da Vaca** (01/7/07)

É que **tem um hospital psiquiátrico em Nova Friburgo onde a padaria se chama Miolo Mole** (28/4/07)

É que no Japão **tem uma marca de sucos chamada Kagome** (9/5/07)

É que, no interior de São Paulo, **tem uma churrascaria chamada Serve-Serve-se** (24/4/07)

É que em Santana de Ipanema, Alagoas, **tem um motel chamado Ninguém Vai Ver** (24/3/07)

É que em Porto de Galinhas, Pernambuco, **tem um motel chamado Vá Entrando** (16/3/07)

É que em Buenos Aires **tem uma lanchonete chamada Comedor Comunitário** (5/7/07)

É que em Peruíbe **tem uma ilha chamada Ilha do Boquete** (27/9/2006)

É que aqui em São Paulo **tem um sex shop chamado Mea Culpa** (16/9/2006)

É que em Mossoró, Rio Grande do Norte, **tem um motel chamado H. Ramos** (14/9/2006)

É que no Recife **tem um bairro chamado Fundão de Fora** (29/10/2006)

É que em São Luís do Maranhão **tem um bloco chamado Chupa, Mas Não Morde** (17/2/2007)

É que em Itaguara, Minas Gerais, **tem um bordel com uma placa: “Já estamos funcionando nos fundos”** (6/2/2007)

Como não é difícil de ver, os trechos em negrito são puro anti-tucanês, ou seja: sua linguagem é pouco polida, frequentemente vulgar, eventualmente grosseira ou de baixo calão. Seu efeito, por oposição ao do tucanês, seria o de falar das coisas “como elas são”, sem disfarce. Em alguns casos, esse efeito decorre da aproximação de expressões estrangeiras a outras brasileiras que, nesta língua, têm a característica da vulgaridade (Kagome, Te Uku, Caraglio).

O tucanês é visto como uma forma de fugir da realidade, de não dar às coisas seu verdadeiro nome. O antitucanês faria o contrário. Mas é claro que não há os nomes verdadeiros das coisas, os que expressariam suas essências. O que funciona como parâmetro, do qual o tucanês se afasta, são as palavras “consagradas”, correntes, populares (todos esses termos são imprecisos; talvez sua caracterização somente seja possível por contraste com as construções do tucanês, com a relativa raridade do jargão).

O efeito de humor que o tucanês produz deriva provavelmente de construções / expressões / descrições que soam como *bem boladas*, um pouco *exageradas* e *surpreendentes*. Os três traços são característicos dos textos humorísticos.

O antitucanês, evidentemente, não se caracteriza por dar às coisas seu “verdadeiro” nome, já que isso não existe, mas por *exagerar* aquilo que o tucanês, também exageradamente, evita: se o tucanês não chama as coisas por seu nome, preferindo um eufemismo, o antitucanês se vale dos nomes grosseiros das coisas, ou que fazem uma alusão ao baixo. Eventualmente, trata-se mesmo de “figuras”, ou seja, evita-se o nome “direto”, segundo esta vertente, desde que a expressão substituta produza um efeito realista ou alguma alusão interessante. Por exemplo, chamar a uma loja de lingerie de *Porta-Joias*, que implica tratar seios e genitália feminina como joias...

Há uma espécie de escala progressiva, intuitivamente conhecida, mas de limites fluidos, que vai do termo “básico” corrente, passa pelo eufemismo e chega ao jargão. Ou que, na direção inversa, chega ao calão. O efeito de humor deriva ora do exagero do

jargão, no caso do tucanês, ora do exagero do “normal”, chegando ao grosseiro, no caso do antitucanês.

Trata-se de textos humorísticos. Como sempre, eles são correspondem a tratados sociológicos. Mas, como sempre, exploram visões ou fatos sociais disseminados. A maneira mais eficaz de ter certeza de que se trata de humor é considerar sua circulação, ou seja, seus lugares na mídia ou nos eventos sociais, mais do que sua constituição linguístico-textual. Nestes casos, esta implícita uma concepção de linguagem, da relação das palavras e das coisas. Especialmente, das designações que são realistas e das que evitam uma realidade dura. Mas a abordagem dessas questões passa pela avaliação social, não pela pesquisa da “verdadeira” relação palavras e coisas.

Por isso, as regras que estão em questão são sociais: mais direto impossível quer dizer “sem nenhuma preocupação com etiqueta”. Ou seja, não se trata de uma relação mais direta entre a palavra e a coisa, mas de assumir uma “violação” da etiqueta, vista como encobridora, falseadora da realidade. Nesse sentido, o antitucanês não fugiria das formas diretas pelas quais a sociedade – ou parte dela – acha que fala das coisas (uma espécie de filiação ao realismo). O popular é considerado mais direto. O povo seria mais “realista” porque ele sabe como as coisas são, tem a dura experiência da realidade (não aprendeu isso nos livros, mas na vida). O mundo dele é mais verdadeiro, pois que é sem retoques.

Sabemos que esse imaginário tem efeitos em todos os campos. Também no político.

Referências

FERREIRA DIAS, A. R. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: Educ – Cortez, 1996

PRETI, D. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp. 1984

RODRIGUES, S. *What língua is esta?* Rio de Janeiro: Ediouro. 2005.